SERGIO BUENO

o mesmo autor de
A QUEDA SEM PARAQUEDAS

AS PARTIDAS DOBRADAS

NINGUÉM PAGA UMA CONTA QUE NÃO DEVE

ebm

Capítulo 01

No plano espiritual

O ambiente não era nada agradável, a começar pela aridez do solo, as rochas envelhecidas, a vegetação rasteira e o céu plúmbeo. Havia no ar tristeza permanente estampada no rosto das pessoas que, naquele momento, ali conversavam demonstrando expectativa angustiante. Afinal, depois de tantos sofrimentos, havia chegado a hora de voltarem à Terra para reiniciar as experiências fracassadas em outras vidas. Era natural o temor, a apreensão, ante a incerteza do futuro, as desditas do passado e o desejo de vencer.

Nem todos, porém, alimentavam os mesmos ideais. Não seria fácil voltar a corpos que suas mentes modelaram um dia em outras empreitadas terrenas, superar os desafetos encarnados e suportar os obsessores que não olvidavam as ofensas e cultivavam ainda o desejo de vingança. Mas, o relógio do tempo indicava que em breves dias começaria o retorno de mais uma leva de espíritos pertencentes ao mesmo grupo de pessoas altamente comprometidas entre si e, principalmente, em relação à coletividade.

A ordem para a reencarnação já fora emitida pelos dirigentes das esferas superiores, encarregados de acompanhar a evolução daquelas entidades. No grupo, existiam pessoas de todas as etnias e segmentos religio-

sos, intelectuais com inclinações políticas de vários matizes, situados, contudo, em faixas vibratórias compatíveis, devendo fazer parte da mesma geração ao retornarem à Terra em países diversos para cumprirem programações intencionalmente estabelecidas.

Adversários de vidas pregressas estavam ali reunidos sem terem ainda superado as causas das desavenças de então; os amigos se encontravam; pessoas desconhecidas foram situadas nos grupos como elementos neutros destinados a aparar as arestas em relacionamentos difíceis, sem, por outro lado, apresentarem inclinações *a priori* de simpatia ou antipatia para essa ou aquela pessoa.

O planejamento final convergia para o êxito, e a palavra de ordem viria de elevada figura do mundo superior, que precisou empenhar enorme esforço para reduzir o seu campo vibratório para se tornar visível à enorme assembleia. O vale dos comprometidos foi o cenário escolhido para receber espíritos de vários países, cujas reencarnações impostergáveis visavam propiciar reajustes individuais e grupais, impulsionando as sociedades nas quais iriam se inserir para elevá-las a novo patamar evolutivo.

Domingos – veneranda entidade originária de plano bem mais elevado – apresentou-se oriunda do Alto, em uma aeronave absolutamente silenciosa, que pousou no centro do vale, de onde saiu com um séquito de espíritos representativos dos mais variados segmentos, que se postaram ao seu lado, atraindo magneticamente os grupos que eles deveriam acompanhar ao longo do processo reencarnatório.

Música suave soou modificando imediatamente a vibração do ambiente, e jatos de luz safirina esterilizaram o lugar, eliminando partículas tóxicas de pensamentos inferiores, criando condições para que a preleção fosse bem assimilada. Cessada a movimentação, todos se voltaram para um palco, plasmado no centro do vale, quando Domingos cumprimentou-os, esclarecendo:

– Queridos irmãos! Venho, por parte do Mestre, exortar a todos a seguirem Seus passos quando estiverem na Terra.

– Acompanharemos seus passos quando estiverem na Terra. Lembrem-se de que uma encarnação é uma oportunidade imperdível para os eleitos ao retorno, principalmente nesse pós-guerra, quando o astral anda deveras saturado de entidades cujas ações as levaram para a demência e carpem dores inenarráveis em sítios de regenerações delicadas.

– Escolhidos pelo mestre para terem a derradeira oportunidade de reencarnação nessa etapa do Planeta Terra, que transita hoje do mundo de provas e expiações para o de regeneração, precisam estar atentos ao que se espera efetivamente de cada um, e do grupo a que irão pertencer.

– Primeiro, a evolução deverá ser feita sob a superação de antigos ressentimentos; depois, suprimir o egoísmo, a vaidade, o orgulho, a luxúria, a ganância, modificando o teor dos próprios pensamentos – tarefa difícil, mas indispensável. Na realidade, os vencedores, para nós nem sempre serão assim considerados na Terra,

enquanto que certos vitoriosos no planeta poderão aqui se apresentar como derrotados. Não será a aparência externa o fator determinante, mas o universo interior de cada criatura, o seu modo de pensar e de agir, o sentido enfim que atribuir à própria vida.

– Cada um já está a par da sua trajetória sabendo de antemão o que deverá encontrar ao longo da jornada terrestre. A posição individual foi amplamente estudada, e a do grupo a que pertence estabelecida com critérios objetivos, não deixando margem à dúvida. Ninguém ignora que entre o planejado e o que será praticado haverá sempre uma distância razoável, existindo, contudo, aqueles que poderão superar as metas com esforço inaudito, uma vez compreendida a função evolutiva do ser imperfeito na sua marcha rumo ao pleno esclarecimento. A possibilidade de dar errado existe, mas essa é realmente bem menor do que a de dar certo, com algumas variáveis não comprometedoras. Caso ocorram desvios na programação, devido ao choque reencarnatório e à rebeldia do espírito desejoso de retornar aos vícios do passado, após as advertências devidas, poderão ocorrer desencarnações dolorosas e vivências no umbral, sob a guante de inimigos atraídos pelos artífices de seus próprios destinos.

– Ninguém ficará à deriva e nem será deixado para trás. A Lei é a do progresso constante, de forma que em certas circunstâncias poderá haver a interferência do alto para "pôr cobro" a uma vida desregrada, marcada por despautérios, evitando novos comprometimentos.

– Cada grupo, conforme as suas tradições, deve-

rá se reunir sob o comando do dirigente designado, aqui presente. Não vai haver privilegiado; a lei aplicada é a do mérito conquistado. As provas e as expiações foram dosadas conforme as necessidades de cada um. Inseridos em grupos familiares mais adiantados, alguns espíritos que ainda não evoluíram o suficiente possam um dia, sob o influxo de outros paradigmas, alçar-se à condição de entidades mais evoluídas e assim modelarem novas realidades, que constituirão parâmetros aos menos esclarecidos, em simbiose permanente de amor ao próximo.

– Nos momentos mais difíceis da vida firmem a "tranca", como os velhos jangadeiros; nunca vacilem no cumprimento do dever e nem pensem em desertar da empreitada, abortando dificuldades, para encontrarem na Terra um repouso imerecido. A escalada empreendida rumo ao alto exige a superação dos próprios limites, requerendo determinação e persistência, não admitindo esmorecimento. É chegada a hora de com coragem avançar, contando com o apoio de espíritos amigos evoluídos que decidiram voltar para ajudá-los, além dos vínculos que ora se estabelecem com os seus mentores, encarregados de acompanhá-los ao longo da jornada.

– Ficarão agora sob a orientação geral das entidades aqui presentes encarregadas de cada nação nas quais irão reencarnar, dos espíritos que os apoiarão e das venerandas entidades que aceitaram a missão de serem verdadeiros anjos de guarda para cada um.

– Tenham sempre fé e quando as dificuldades chegarem não aceitem soluções pela violência, que geram

mais violência, e conflitam com os códigos de amor emanados diretamente de Jesus.

– Muitos de vocês, pelas inclinações do passado, estarão em posições diametralmente opostas. Desenvolvam a tolerância, fujam do conflito pelo conflito, procurem compreender o lado contrário, analisando com cuidado os argumentos apresentados. Todas as ideologias encerram pelo menos algo de verdade e nem todas podem ser abraçadas integralmente, sem antes passar pelo crivo da razão e principalmente do amor.

O papel reservado a esse imenso grupo é demais importante. Ocuparão posições políticas elevadas nas estruturas estatais de cada país, terão, portanto, o poder, o comando, para exercerem com brandura, equidade e sentimento profundo de responsabilidade.

– Voltem-se para os menos favorecidos da sorte reduzindo dores e sofrimentos sem pieguismos, com diretrizes claras visando ao amparo, quando necessário, e à promoção social, pela via da educação, que não se limita apenas a levar o conhecimento, mas, sobretudo à formação integral do ser humano.

– Não aceitem participar de conflitos religiosos, respeitando todas as crenças, porque se os caminhos são variados, Deus, contudo, é único, absoluto, eterno, e reúne em si os atributos da onisciência, da onipresença e da onipotência. Não imponham a outrem assim os credos a que estejam momentaneamente filiados, nem levantem as bandeiras da intolerância, do sectarismo e da exclusão, em razão de fatores inerentes à criatura humana nos está-

gios circunstanciais de efêmeras experiências.

– A paz, o bem comum, a tolerância, não prescindem do sentimento de justiça, de bondade, de solidariedade. Mas, será, sobretudo, pela via do amor que o ser humano irá superar os seus atavismos primitivos, decolando rumo ao Criador.

– Muito sangue já jorrou em nome dos ideais mais elevados, muitos dos quais foram impostos pela força, quando o ideal pleno tem força própria e não necessita de armas para conquistar os corações, debelar interesses mesquinhos e vencer resistências injustificadas, implantando-se no seio de vetustas sociedades para torná-las mais humanas e responsáveis perante o próximo.

– Todos os que estão hoje aqui são líderes[1] por conquistas realizadas no passado. Já desenvolveram conhecimentos e habilidades que se manifestarão no momento próprio em características inatas, inclinações ostensivas, despertando naturalmente nas outras pessoas o desejo de segui-los. Portanto, sejam responsáveis sempre, em todos os momentos e em quaisquer manifestações.

– Exemplos de conduta, suas ações induzirão pessoas, levando-as à evolução ética, moral ou induzindo-as a chafurdarem-se na lama dos mais baixos instintos.

– Serão responsabilizados pelas palavras proferidas, as ações cometidas, mas estejam certos que estão

[1] Joanna de ÂNGELIS, *Liberta-te do mal*, pág. 57. Ver íntegra em "Textos Doutrinários e da Codificação", NR. 2.

prontos para vencer, caso contrário não seriam guindados às posições de líderes do bem, uma vez que já viveram as amargas experiências de *condottieris* [2] no passado.

– Como sabemos, a jornada encerra riscos, mas haverá sempre uma voz soando a balada do amor aos ouvidos de cada um, convidando-o à paz interior ainda nos momentos conturbados de duras expiações.

– Nossa reunião conclusiva já está marcada para daqui a dois séculos, nesse mesmo lugar, tempo que entendemos necessário para uma avaliação da experiência ora encetada, mas os mentores espirituais dos grupos aqui presentes se encontrarão a cada 25 anos para balanços parciais e a qualquer momento, desde que necessário.

– Fiquem em paz! Antes de regressarem à Terra aproveitem para detalhar os próprios planos, rever os amigos de jornada, estabelecer contatos com os adversários do passado, selando um pacto de cooperação e não violência, abrindo um caminho limpo para a amizade, que virá a partir do reconhecimento do valor do outro, transformando-o de inimigo em adversário e depois quiçá em amigo dileto do coração.

Terminada a sua exposição, Domingos retornou à nave com poucos colaboradores, deixando aquela atmosfera mais suave, mas ainda assim pouco hospitaleira.

Explica-se: o local escolhido para o magno encontro foi possível em face do teor vibratório da popula-

[2] *Condottieris* – mercenários, agentes das milícias do passado que pegavam em armas e lutavam a favor dos que pagavam mais, os contratantes.

ção de espíritos presentes, heterogêneos quanto ao grau evolutivo, sendo mais factível a redução do campo magnético de entidades evoluídas, que reencarnariam como timoneiros, do que a elevação vibratória de espíritos ainda em estágios elementares, em termos de compreensão espiritual, embora avançados quanto aos conhecimentos acadêmicos tradicionais.

Cada grupo se reuniu com os dirigentes espirituais dos países em que deveriam firmar essa nova experiência reencarnatória, recebendo orientações significativas quanto ao roteiro geral, ao passo que as situações específicas seriam novamente repassadas pelos orientadores individuais, uma espécie de *Personal Trainer* do espaço.

Acompanhando a conversação dos pequenos grupos formados, nos deparamos com alguns espíritos que deveriam reencarnar no Brasil, comentando as possibilidades da nova passagem terrena:

– Estou muito angustiado – constatou Baldwin. – Irei para uma terra estranha às minhas tradições, cuja língua eu desconheço, e não estarei afetivamente vinculado àqueles que um dia me acolheram na condição de meus pais. Estarei sozinho, solitário, e ainda assim posicionado em campos de conflito, sem um verdadeiro amor. Temo não suportar e novamente sucumbir.

– Não se preocupe – aduziu Andrew. – Seremos amigos, iremos nos reconhecer com facilidade, pensamos mais ou menos da mesma forma. Sabemos que não conseguiremos tudo nessa nova fase, mas pelo menos iremos tentar e com certeza um dia voltaremos melhor.

Outros conversavam:

– Estou ansioso para recomeçar – comentou Camargo. – Voltarei a ver Amália e estou sabendo que ela reencarnará para me apoiar. Não sei como fui louco em perder a mulher da minha vida.

– Espero que dessa vez consiga, já que em outras vidas você meteu os pés na jaca por mulheres do lupanar, perdendo Amália por muito tempo. Ela terá muita paciência, porém não vai tolerar patifarias.

– Agora amadureci!

– Vamos ver, porque ao tê-lo novamente como irmão não vou aparar arestas, deixando de cumprir as obrigações que terei com o povo. Não irá aprontar dessa vez?

– O que é isso, mano! Sabe o quanto o respeito...

– Cuidado! Se complicar a minha vida não vou poder fazer nada! Fui escalado para cumprir uma delicada missão e não vai ser um irmão destrambelhado que irá me impedir.

Mais à frente, em pequeno círculo, revelavam-se antigas desconfianças:

– Penso que será muito difícil suportar a oposição comandada por Albert.

– Não tema! Apesar de vocês não se entenderem, como líder do seu governo, estarei na Câmara, aparando arestas. Sempre consegui conviver com Albert e somente após a nossa desencarnação foi que compreendi a animo-

sidade entre vocês.

– Veremos!

Caminhando pelo grupo dos que deveriam voltar à Terra em solo brasileiro, deparei-me com um velho amigo jornalista que não poderia mais exercer a profissão na qual se destacara, devido aos excessos cometidos.

– E aí Jack, vai também retornar? – perguntei-lhe amavelmente.

– Olá, não pensava vê-lo por aqui – respondeu-me sorridente.

– A cada momento uma nova surpresa.

– Preciso pedir-lhe desculpas!

– Esqueça o passado, agora a realidade é outra.

– Não sei como vai ser! Fui podado, cara, acredita?

– Em quê?

– Não poderei mais ser jornalista. Disseram-me que criei muitos problemas.

– Você é inteligente e se dará bem em qualquer profissão.

– Estou muito triste! Não poderei exercer profissões que utilizem a palavra, porque, imagine o absurdo: vou voltar como gago.[3] Pode?

---

[3] Allan KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, perguntas: 337/341. Ver íntegra em "Textos Doutrinários e da Codificação", NR. 3.

– O que fará, então?

– Estão me dizendo que serei um jornaleiro bem miserável.

– Ótimo!

– Não entendo.

– Em pouco tempo será o presidente de sindicato da categoria.

– Estou podado, não entendeu? A coisa ficou russa para o meu lado. Não poderei exercer nenhum posto de mando. Estarei recebendo ordens até do gari da rua. A minha banca de jornal (se é que posso chamar a "coisa" de banca) não será bacana. Vai ser um negócio improvisado: barraquinha mixuruca, não aprovada pela Prefeitura, e estarei sujeito às batidas da fiscalização. Serei ainda achacado! O pior: essa barraquinha vai ficar bem em frente ao jornal em que trabalhei. Tô ferrado! É muita humilhação...

Mais à frente se ouvia:

– Estou confiante – comentava Alexandre. – Dessa vez tem que dar certo. O meu receio é encontrar de novo aquela mulher que desgraçou a minha vida.

– A Valkíria?

– Ela mesma. Sei que vai retornar ainda mais bonita. Não entendo os homens da reencarnação. A mulher já era um demônio. Agora, então, ninguém vai segurar a madame. Quero distância: "vade retro satanás"!

– O meu problema também são as mulheres – alegou Geraldo. – Nunca resisti a um rabo de saia! Preciso mudar, não sei se vai dar certo.

Algumas mulheres presentes também conversavam:

– Estou com muito medo, minha amiga – aduziu Yvone. – Fui informada que não serei mãe. Bem agora que estava disposta a resgatar o que fiz no passado. Aprendi a amar as crianças, depois de conviver com elas aqui por muito tempo.

– Tenha fé! Quem sabe mudam essa disposição.

– O meu mentor foi categórico: deverei adotar.

– O Cláudio volta com você?

– Não! Se ele estivesse ao meu lado não teria medo de nada. Mas, dessa vez, ele irá reencarnar em outro país e não iremos nos encontrar. Serei aquela mulher nostálgica, carente, que estará sempre em busca de alguém, só encontrando "tranqueira" pelo caminho.

– E você, está animada?

– Muito!

– Por quê?

– Fui designada para viver em família abençoada – comentou com alegria Helena. – Terei todas as oportunidades para estudar e voltar à profissão que eu amo.

– Você fez por merecer. Levou tudo muito a sério.

– Nem tanto! Reclamava da sobrecarga de trabalho.

– É normal.

– Vão se abrir boas possibilidades de especialização. No momento certo receberei as ajudas necessárias. Mas haverá um problema.

– Qual?

– A minha mãe, que muito me apoiará, terá de passar por uma longa enfermidade, após a morte prematura do meu pai. Só estarei liberada para alçar voos mais altos depois de cumprir os compromissos com a família.

– Nada é perfeito!

As conversas eram muitas; voltar – determinava a lei; reencontrar afetos e desafetos estava programado. Cada um tinha uma tarefa a cumprir e alimentava apreensões compreensíveis, não se permitindo, contudo, o retrocesso, até porque alguns espíritos enfrentariam reencarnações difíceis e o plano seria executado até o fim, do modo que fora concebido.

Os encontros dos grupos étnicos e nacionais começaram a acontecer. O objetivo dessa programação de reencarnação em massa, em diversos países e nas mais variadas circunstâncias, era o de propiciar avanços individuais e sociais para países pouco desenvolvidos que, sob o impulso de espíritos oriundos de sociedades esclarecidas, avançariam com mais rapidez em todos os setores da ciência, da cultura, da ética, da economia, da política... Novas instituições deveriam ser modeladas, estilos

de vida alterados, valores assimilados, formando padrões avançados de pensamentos.

Dispersados os grupos, os espíritos retornaram para os seus locais de origem. Os mais evoluídos eram alçados às colônias de paz e estudos; outros estagiavam em planos intermediários bem próximos ao umbral e existiam ainda aqueles que retornavam à densidade das furnas. O projeto era bem amplo, requeria a participação de milhares de espíritos das mais variadas categorias, com duração de dois séculos, segundo o calendário terreno.

Capítulo 02

O fanar das ilusões

Nada mais importava para Zulmira que, aos 15 anos de idade, viera da Paraíba a São Paulo trabalhar como empregada doméstica em uma casa luxuosa situada nos Jardins. Cabocla de porte alto, tez morena, pálpebras ligeiramente fechadas e olhar cristalino, casara-se com Agenor, com quem tivera três filhos, dois homens e uma mulher. O primeiro morreu antes de completar um ano de idade; o segundo, aos sete, sofreu um acidente e tornara-se tetraplégico; a filha, rebelde ao extremo, não perdia uma única oportunidade para alfinetar a mãe viúva que continuava a trabalhar o dia inteiro, incluindo sábados e domingos, precisando deixar o filho no barraco em que morava aos cuidados da jovem que seviciava o próprio irmão deficiente.

Naquele dia, apesar de tantas dores e infortúnios, Zulmira estava demais entristecida: o seu mundo havia caído! A vida perdera para ela todo o sentido; não tinha mais ânimo para continuar; o sofrimento foi tanto que rompeu a sua enorme capacidade de resistência e o pranto jorrou em cascatas de angústia. Pudera: o golpe fora demais certeiro, rompendo as fímbrias mais íntimas do sentimento de uma mãe voltada inteiramente à sua família.

A filha viera avisá-la que o barraco em que moravam na periferia da cidade de São Paulo ardia em chamas, assim também toda a favela, deixando ao desamparo os habitantes daquele local por si só infecto e imundo. Mas, o que a angustiava, sobremaneira, era saber que o filhinho tetraplégico não tinha sido socorrido; os habitantes do local, cada um procurando salvar os seus pertences, não sabiam que o garoto estava no barraco, e, apesar dos gritos do menino, o barulho do corre-corre dos moradores e as explosões de materiais em combustão sufocaram os pedidos de ajuda de Cristiano, que faleceu pela inalação tóxica de fumaça.

A irmã, encarregada pela mãe de cuidar do deficiente, costumava abandoná-lo sem a mínima consideração para ficar de casa em casa atiçando os garotos desocupados, com o seu corpo de mulher já esculturado, apesar de menor de idade. Quando percebeu o incêndio, preocupou-se com todos, menos com o irmão, lembrando-se dele quando já era tarde demais.

Após a notícia, Zulmira pediu licença para a patroa e dirigiu-se à favela com a filha irresponsável para ver o que sobrara do barraco.

Chegou a tempo de ver as últimas labaredas do incêndio, o desespero de seus vizinhos e amigos e o que restara do corpo carbonizado do filhinho. Não sabia como agir, nem o que pensar, ficando estática, perguntando aos bombeiros como fazer para sepultar os restos mortais da criança, que era a sua razão de viver. Quando à noite, retornava ao lar após um longo dia de serviço ele sempre

estava ali sentado na velha cadeira, esperando-a com um olhar doce, um largo sorriso no rosto esquálido, revelando imensa alegria com a chegada da mãe. Ela, cuidadosa, preparava-lhe o jantar, conversava com o menino sobre as amenidades do dia, enquanto o inválido, embevecido, demonstrava-lhe imenso amor.

– Mamãe – repetia amiúde – gosto muito da senhora. Se papai fosse vivo, a senhora não trabalharia tanto para sustentar a gente. Mesmo entrevado, eu quero estudar e arrumar algum serviço, assim a senhora pode parar de trabalhar.

Zulmira, com os olhos marejados, beijava o filho querido, esquecendo todas as humilhações que passava na casa da patroa, uma mulher arrogante, com dois filhos travessos e mal criados, que não a respeitavam. Dependia daquele trabalho; tirava de lá o sustento do filho inválido e da filha inconsequente. Mas, quando o olhar carinhoso de Cristiano depositava nela as suas mais cálidas esperanças, ganhava forças para prosseguir, não temendo o dia seguinte, agradecendo a Deus por estar viva e poder cuidar do menino.

Com a morte do garoto, a maneira como tudo tinha acontecido, o corpo ali no chão irreconhecível, a vida de Zulmira veio-lhe à tona e a senhora desabou em lágrimas inconsoláveis, colocando o filho querido nas mãos de Deus.

Mergulhada no mais fundo dos sofrimentos, Zulmira foi despertada pelo capitão dos bombeiros, que compadecido a amparou.

– Senhora – falou o jovem oficial. – Vou levá-la à nossa barraca de campanha.

Ela, como um ser autômato, simplesmente obedeceu, amparando-se no braço forte do policial, que a levou para a barraca. Bebeu um copo d'água sem se dar conta do que fazia, sentou-se em um pequeno banco improvisado e permaneceu estática. A dor era tanta que Zulmira não conseguiu articular uma única palavra. Lembrava-se da casa do seu pai ao longe, um casebre no interior da Paraíba que também fora devorado pelas chamas, sem afetar a vida de ninguém; pensou na mãe sofrida, no pai carcomido pelos anos e na família que se desmantelara com a saída de todos os irmãos de casa, impelidos pelas dificuldades.

A pobreza extrema no interior da Paraíba e o incêndio no barraco desestruturaram a família de Zulmira, naquela terra calcinada pelo sol e sem água para suprir as mínimas necessidades, esquecida por todos e dominada por políticos corruptos, que surrupiavam os parcos recursos governamentais destinados à comunidade.

A mãe esquálida beijou-a com carinho, acariciou-lhe o cabelo endurecido e repleto de piolhos, aconselhando a sua vinda para São Paulo no próximo pau-de-arara. Sabia que um irmão tinha viajado para o Rio de Janeiro; outro para Recife e os demais ela ignorava por completo o paradeiro. Que sina a dos miseráveis sem teto, privados do afeto dos entes queridos, sem nenhuma possibilidade de permanecer na terra natal, vergastados pelo mais completo abandono, assistindo indefesos ao fa-

nar de todas as ilusões.

Quando Zulmira encontrou Agenor imaginou-se no Paraíso: homem bom, trabalhador, não abusou da jovem indefesa, ao contrário, protegeu-a de acordo com sua modéstia de servente de pedreiro. Mas, após nascer Cristiano, recebeu a triste notícia que o marido, ao cair do andaime de uma construção onde trabalhava, faleceu no próprio local. Daí para frente, a sua vida foi uma coleção de desventuras, somente amenizadas pelo sorriso cândido do amado filho.

Zuleika, a filha desnaturada, achava o incêndio engraçado. Até se deleitava com a tragédia, com a presença da polícia, dos jornalistas; os jovens bombeiros com suas fardas e capacetes a encantavam. A tristeza da mãe, a morte do irmão inválido, nada representavam para ela, que estava feliz e excitada com a efervescência do momento. Finalmente, não teria mais de retornar àquele tugúrio, nem conviver com um irmão deficiente, nem com uma mãe que não lhe dava dinheiro, joias, tudo o que imaginava ter direito por ser mulher bonita, sensual, fascinante... Ali mesmo, no local da tragédia e ainda sob o evolar da fumaça que intoxicava o corpo e minava os olhos, com total frieza, começou a pensar em como se aproximar de alguém que pudesse lhe dar abrigo, uma vez que estava decidida a não ir para o alojamento público que o governo destinara às vítimas do incêndio.

Arguta, sabia-se bonita demais para os padrões do local e bem acima do estereótipo das moças da mes-

ma idade, comprazendo-se em provocar os jovens da favela em que morava, sem permitir, contudo, que nenhum deles se aproximasse para tirar qualquer proveito. Insinuava-se sim; estimulava; seduzia; mas sempre fugia, despedaçando corações sobre os quais tripudiava. Mas, naquele momento, com o incêndio, a situação a preocupava. – Para onde iria? – pensava. – A quem fisgar naquele momento complicado? Como ave de rapina lançou olhares para todos os lados e deteve-se em um jovem bombeiro garboso, escolhendo-o como vítima para uma investida fatal. Antes, solertemente, tomou o cuidado de romper a alça do sutiã com um caco de vidro encontrado no chão, sem danificar a peça, aproveitando-se de um cadarço de sapato também achado no local, que guardou. Assumindo uma postura de vítima, mas se fazendo provocante, pediu ajuda ao bombeiro.

– Moço, pode me ajudar? – indagou.

– O que a senhorita precisa?

– Rompeu o meu sutiã. Preciso que amarre para mim com esse cadarço para não ficar decomposta. E retirou a peça passando-a ao bombeiro, que, constrangido, ficou sem saber o que fazer. Virando-se de costas, pediu para ele pegar as alças do sutiã, ligando-as com o cadarço. Com habilidade de atriz, ao se voltar para agradecê-lo, com ar choroso, lamentou:

– Não sei o quê fazer! Perdi o meu irmão, não tenho pai e nem mãe. Não desejo dormir no alojamento indicado, no meio de tanto homem. A Igreja não abriu as suas portas, e o padre disse que não poderia me receber ali

porque sou solteira e sem família.

– Mas, – replicou o bombeiro – o abrigo indicado é provisório. O governo encontrará outra solução para a população afetada. Serão apenas alguns dias, – mencionou o capitão.

– É que você não conhece as pessoas que vivem aqui. Muitos já me perseguiam na favela quando a gente morava em barracos separados, mas eu tinha um irmão para me defender. Ele agora está morto e minha mãe desapareceu. Prefiro dormir na praça pública, ser mais uma indigente, do que me expor àquelas feras.

O jovem bombeiro estava impressionado. Observava que se tratava de uma moça muito bonita, apesar da fuligem do incêndio e da singeleza das roupas. Fazia sentido as suas alegações. Afinal, naquele lugar, tudo era possível, e a honra de uma donzela estava sempre exposta, até mesmo na própria família. Depois, acontecesse o que fosse ninguém daria importância mesmo. Enquanto assim pensava, o jovem bombeiro viu Zuleika chorar copiosamente. Apiedou-se da moça desabrigada e a convidou para dormir aquela noite em sua casa, apresentando-a aos pais, até que outra solução fosse encontrada.

Zuleika saiu do local do incêndio não dando sequer um até logo para a mãe. Conseguira o seu primeiro intento: comover o bombeiro para depois enredá-lo em seus encantos de mulher implacável, que, apesar de jovem, dominava completamente a arte da sedução. Contava dezessete anos de idade, era alta, magra, cabelos

escuros, pele clara, olhos castanhos felinos, dona de uma inteligência invulgar para o meio onde vivia. Sabia o fascínio que exercia sobre os homens e percebeu de imediato que o bombeiro lhe seria uma presa fácil.

Deixando aquele lugar detestável para trás e arrumando-se melhor, contava dar saltos mais altos, envolver homens ricos, porém tolos, fáceis de ser manejados por uma bela mulher. Assim, deixou-se levar pelo oficial até que esse, ao chegar a casa e após contar a tragédia à mãe, apresentou-lhe Zuleika, informando que ela dormiria ali aquela noite e, no dia seguinte, a levaria para o local indicado pelo governo aos desabrigados.

Marli, mãe do bombeiro Tenório, de imediato não simpatizou com Zuleika. Dona de arguta percepção, num átimo, sentiu o perigo que era abrigar aquela moça em casa. Alguma coisa lhe dizia que Zuleika não era de confiança, algo transparecia no olhar da jovem; o seu jeito de falar, sentar, observar, dizia que estava diante de uma mulher fatal, que não hesitaria em avançar sobre o seu filho, o seu marido ou quem mais atravessasse o seu caminho.

As mulheres, quando se observam, conseguem, por intuição, perceber o estilo e as artimanhas das rivais. Sentindo o perigo iminente, mas procurando não contrariar o filho, escolheu cuidadosamente as palavras, dizendo:

– Vou arrumar o quarto dos fundos para a senhorita dormir esta noite. Trouxe alguma roupa?

– Não, respondeu Zuleika. Não sobrou nada do incêndio.

– Vou emprestar-lhe algumas roupas minhas, que poderão ficar um pouco largas, mas servirá nesse momento de emergência.

– Obrigada, Marli – falou aparentando intimidade que estava longe de existir.

A jovem, atendendo ao comando da dona da casa, seguiu para o quarto, aproveitando o momento em que a matrona se virou para jogar um beijo a Tenório. O moço ficou mais uma vez perplexo, afinal não estava acostumado com a ousadia das moças, que, naquela época, primavam pelo recato. Aguardou a mãe retornar e agradeceu:

– Obrigado mamãe. Não podemos ajudar a todos os desalojados, mas pelo menos essa moça não dorme hoje na rua.

Marli, que estava ensimesmada, respondeu:

– Meu filho, a sua preocupação é muito boa. Mas, cuidado com quem traz para casa. Não sabemos quem é essa jovem, o que deseja. Peço-lhe apenas: não se enrede! Ela é bonita, ardilosa, pode lhe causar ainda muitos problemas.

– Mamãe – respondeu o jovem, – Zuleika perdeu o irmão, que era o seu protetor. Não podia ficar exposta àquelas feras da favela. Iria dormir na rua. Não vamos pensar o pior de uma pessoa que mal conhecemos.

– Exatamente, meu filho: mal a conhecemos! Mas, coração de mãe não se engana: muito cuidado! Amanhã mesmo deve levá-la ao obrigo indicado pelo governo.

– Que exagero! Não vamos dramatizar a situação. Zuleika é bonita, mas moça honesta. Não deseja outra coisa senão proteger-se para se estruturar na vida.

– Não esqueça que gestos simples revelam uma pessoa. Não me agradou a maneira como em poucos segundos olhou toda a cozinha. Você, que vive aqui há anos, não sabe sequer as cores dos potes que temos no armário. Mas, pergunte a ela que vai lhe responder quantos são, as cores de cada um e para que servem. Observou as minhas reações mínimas e sabe que pode manipular você com facilidade, mas não conseguirá me enfrentar, porque sentiu que eu já percebi o seu jogo. Ela não medirá esforços para subir na vida.

– Se não fosse você falando não acreditaria. A senhora sempre teve bom-senso, mas agora está indo longe demais, julgando uma pessoa sem conhecê-la. Até parece enciumada? Ou se trata de antipatia à primeira vista? O papai não vai gostar nada disso...

– Não me preocupo com o seu pai; ele sabe se defender, você ainda não. Cuidado! Amanhã leve essa moça para o abrigo – falou com muita firmeza.

Tenório não quis discutir com a mãe, que adorava. Mas, com ela também não poderia concordar. Não desejava ter problemas com a família. No dia seguinte,

conversaria com a moça, encaminhando-a ao alojamento.

Zuleika tomou um banho demorado; não teve pejo em usar o perfume na prateleira do armário. Estava, no fundo, encantada; nunca havia usado um banheiro como aquele todo azulejado, com água à vontade, sabonetes e cremes para a pele. Nem se lembrou do triste incêndio, do corpo calcinado do irmão, que fora removido para o instituto médico legal; da mãe que ficara plantada na barraca de campanha dos bombeiros com olhar perdido, em estado de choque. Para ela tudo era passado. Não abriria mão, perante hipótese alguma, daquele conforto, e Tenório era quem lhe propiciaria as facilidades até conseguir coisa melhor. Percebeu de imediato a esperteza de Marli, a má vontade da senhora em ajudá-la, mas não se importava. Tinha um trunfo maior: o filho daquela mulher estava em suas mãos; por ele a mãe teria de se curvar e, por isso, não se preocupava com cara feia.

No outro quarto da casa, Marli estava apreensiva. Era mulher de forte intuição, esposa digna, trabalhava sem cessar para o bem-estar da família. Percebeu em simples relance a intenção da jovem, lendo a alma de um ser difícil de ser entendido. Temia não poder salvar o filho das garras da megera; sabia que ela iria investir sobre o jovem, dominá-lo, usá-lo e depois jogá-lo fora como se fosse um bagaço inútil.

Pelo fato de amar o filho, Marli conhecia a sensibilidade do bombeiro, sua pureza de intenção, não acreditando que ele pudesse resistir aos encantos de uma mulher igual aquela. Vivendo esse conflito interior, lem-

brou-se de orar e pedir a Deus proteção para a sua família. Não tinha dúvida: começava para os seus uma nova etapa de provações.

Tenório, por sua vez, exausto após um duro dia de trabalho na corporação, atendendo às necessidades das vítimas do incêndio, em pouco tempo dormiu, acordando somente no dia seguinte para o café da manhã. Na cozinha, encontrou a mãe que já tinha preparado a mesa e perguntava por Zuleika.

– Ela ainda está dormindo – respondeu-lhe Marli.

– Até essa hora? – interrogou espantado. – Vou acordá-la.

– Deixe que eu faça isso – replicou a mãe. – Você precisa levá-la ao abrigo ainda hoje, como conversamos ontem.

– Está bem.

Marli dirigiu-se ao quarto, abriu a porta, acendeu a luz e Zuleika sequer se mexeu na cama. Precisou chamá-la e por fim sacudi-la. A jovem desperta olhou diretamente para a senhora e não se fez de rogada.

– Já sei que não me quer aqui! Eu vou embora, mas ele irá me procurar. Não pense que tenho medo de você. Não se ponha no meu caminho ou vai se arrepender de verdade. Levantou-se bruscamente, foi ao banheiro, e deixou Marli sem ação.

– Que bicho era aquele? – perguntou-se a senho-

ra visivelmente alterada. Em toda a sua vida não encontrara ninguém que estampasse no rosto tanta ferocidade, na voz tanto rancor e nos gestos tanta vulgaridade. O problema era bem maior do que imaginava. Voltou-se a Deus e resolveu agir, com habilidade, para não empurrar o filho querido nos braços da tresloucada mulher. Como pessoa experiente sabia que a proibição, sem explicação, despertaria no intimorato bombeiro mais rebeldia, como ocorre com os jovens em geral. Por isso, quando Zuleika entrou na cozinha, percebeu que a matrona não havia comentado o acontecido.

A intriga, que pretendia instalar logo de início, não surtiu efeito. A mulher era muito experta, concluiu. Rapidamente, mudou a estratégia, fazendo-se meiga para a dona da casa, em frente ao marido e ao filho. Propôs ajudar a servir o café, a lavar a louça, ficando Marli atônita com tamanha desfaçatez. Duas mulheres hábeis, mas com métodos bem diferentes, enfrentavam-se na pequena cozinha de uma casa no subúrbio medindo uma a outra, jogando com palavras, gestos, ações, para cativar uma pequena plateia: um jovem inexperiente e um senhor distante.

...

Zulmira, cabocla que veio do interior da Paraíba, em São Paulo, vai trabalhar em casa de família, morando, contudo, na favela. Vive com um ajudante de pedreiro, homem bom, com quem teve dois filhos. As dificuldades próprias da extrema pobreza, a morte do marido, são desafios que a mulher enfrenta com determinação; no entanto, tem pela frente o gênio irascível de Zuleika – a filha que não aceita as condições sociais em que vive, abandona a mãe, e se alia aos terroristas, partindo para o uso gratuito da violência.

O terrorismo, ontem assim também hoje, organiza-se em grupos políticos ou religiosos que, em princípio, se propõem a melhorar a sociedade; banalizam de tal forma a vida humana que, ante as Leis de Causa e Efeito, esses líderes do mal assumem responsabilidades cármicas de difíceis resgates.

Na raiz dos atentados que chocam a Humanidade encontramos personalidades em desalinho; valendo-se de supostos ideais, nada mais fazem do que refletir graves inseguranças pessoais: carências afetivas, amores não correspondidos, complexos de toda ordem, arrogância e orgulho, o desejo de submeter o próximo ao talante de suas arbitrariedades. No entanto, qualquer que seja o *leitmotif*, mesmo aos terroristas que não encontram limites para os seus atos de perversidade, a Providência Divina envia uma advertência espiritual, ainda que sutil que, às vezes, consegue demover um ou outro ativista de prosseguir na sinistra jornada.

ISBN 978-85-64118-49-2

9 788564 118492

ebm editora

Investidor Social
instituição Amélia Rodrigues
investidorsocial.org.br